

UTOPIA EM RUINAS NO ROMANCE DRAMÁTICO CANGACEIROS, DE JOSÉ LINS DO REGO

Lannusse Bergem Balbino COSTA¹ (UEPB)

RESUMO:

Observa-se, como a literatura, revestindo-se de tecidos discursivos e plurissignificativos, no seio dos quais se manifestam recorrentes questões sobre o sentido da vida, deixa entrever, dentre outros, um diálogo compreendendo os âmbitos filosóficos e literários. Partindo do princípio que admite o texto literário enquanto objeto dialógico e lugar onde as manifestações e expressões dos seres humanos entre si e destes com a realidade são possíveis, este trabalho estuda a obra *Cangaceiros*, de José Lins do Rego, a partir dos conceitos de utopia, seguindo a teoria do drama. O objetivo é identificar estratos textuais e discursivos que apontam para a idéia de utopia nos personagens no romance, bem como na estrutura narrativa impõe-se o conflito de vozes, que conduz, neste caso, a um desfecho trágico em um romance polifônico. O trabalho está amparado teoricamente em Bahktin (1111); Brandão (111); Coelho (111); Mannheim (1111) dentre outros.

Palavras-chave: utopia, romance, dialogismo.

1 INTRODUÇÃO

A obra *Cangaceiros*, de 1953, foi o último romance escrito por José Lins do Rego. A obra está dividida em dois capítulos, o primeiro "A mãe dos cangaceiros" e o segundo "Os Cangaceiros", que narra as aventuras de Aparício Vieira, o chefe do bando de cangaceiros que varria os sertões a causar medo e desespero para uns e vingança e vitória para outros. Foi a inquietação de pesquisadora que me fez perceber a riqueza literária explorada por José Lins em *Cangaceiros* e o quanto a obra vem sendo pouco explorada pela crítica.

O capítulo que irá fomentar minha análise será o primeiro, "A mãe dos cangaceiros", que relata a dramática saída de *Sinhá Josefina* e seu filho *Bento da Vila do Açu*, para caminhar sem rumo e sem destino, pelo sertão afora em busca de refúgio e abrigo. Indicada por seu filho Aparício Vieira encontra um *lugar*, um sítio, em que tinha

a esperança de ser o que sempre sonhou para si e para a sua família (reduzida agora a ela e o filho mais moço). No entanto, só encontra decadência, desta, mergulha para a loucura e em fim, para a morte e morte trágica: o suicídio.

É em meio a todo esse declínio, não apenas causado pela aridez e sequeidão do sertão, mas pela decadência do homem, que Sinhá Josefina viu seus sonhos e planos para o futuro ruírem. Como ter esperança e sonhos num ambiente inóspito e decadente? Como sonhar se a força motriz da vida já não existe? Entende-se Utopia, de maneira geral, como sendo a força que poderia se chamar de esperança, esperança de que aquilo que não é, que não existe, pode vir a ser (COELHO, 1989). Enquanto houver utopia existirá o sonho e a vida. Com a ruína dela, só há morte.

Partindo do princípio que admite o texto literário como sendo “[...] o lugar onde se manifestam e se expressam as relações dos seres humanos entre si e dos seres humanos com as realidades, ou seja, como sendo um objeto aberto, plural, dialógico...” (SILVA, 2004), pretendo explorar estratos textuais e discursivos referentes à utopia, a partir de uma abordagem bibliográfica e interpretativa, verificar o conflito de vozes e a irredutibilidade de posições que conduzem a um desfecho trágico, observando a unidade do primeiro capítulo, tomando como base a estrutura do gênero dramático.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Breves considerações sobre o romance dramático

O romance dramático consiste de algumas características peculiares que o compõe. De acordo com Edwin Muir (1997) tudo deriva de fatores que mantêm-se inalterados no início do romance, porém, os termos do problema sofrerão alterações, levando os personagens a resultados por vezes imprevistos:

Pode conter antíteses mas não contém meras contradições. Será lógico na medida em que os personagens possuem algo inalterável dentro de si, que determina suas reações uns aos outros e à situação. Terá uma progressão que é ao mesmo tempo espontânea e lógica visto que os personagens se modificarão e a mudança criará novas possibilidades. Esta lógica é o verdadeiro distintivo do enredo do romance dramático. (MUIR, 1997, p. 25).

O romance dramático sempre consistirá de um espaço especial o “*personae*”, que apresenta por meio de palavras e gestos um acontecimento e ainda é determinado, segundo Kaiser (1976), por três elementos básicos: o evento, o espaço e a personagem.

No entanto, no romance dramático não ouvimos apenas a narração sobre uma ação como no épico, mas presenciamos a ação enquanto se vem originando atualmente, como expressão imediata dos sujeitos:

Onde quer que o mundo se torne dramático, cessa aquela calma contemplação, aquele largo distanciamento, aquele amor por cada ponto isolado na variegada plenitude da existência, que são características da atitude épica. Aqui, o sentido último da palavra não é a manifestação de uma fusão ou representação de um outro ser, aqui a palavra liberta-se, provoca alguma coisa que não existia até agora; o eu sente-se constantemente interpelado, desafiado, atacado, tudo tende, ansiosamente para o que há de vir. (KAISER, 1976, p. 408.).

Como se vê essa definição norteia os limites artísticos do drama sério, de sua representação, e inclui o trágico, como elemento que desencadeia o terror e a piedade nos leitores ou espectadores da cena. O que caracteriza a tragédia não seria propriamente o fim doloroso, mas um acontecimento repleto de sofrimentos.

3 O desvelamento da utopia em Cangaceiros

O sentimento utópico irrompe no indivíduo a partir do momento em que este não está satisfeito com a presente ordem existente. A possível existência de uma realidade melhor é a base de sustentação da mentalidade utópica e esta age com vistas para o futuro e, visa, arregimentar condições necessárias para a mudança da realidade que precisa ser mudada.

Com relação à mentalidade utópica, Coelho (1988) afirma:

Ponto de contato entre a vida e o sonho, sem o qual o sonho é uma droga narcotizante como outra qualquer e a vida, uma sequência de banalidades insípidas. É ela que, até hoje pelo menos, sempre esteve presente nas sociedades humanas, apresentando-se como elemento de impulso das invenções, das descobertas, mas, também, das revoluções. É ela que aponta para a pequena brecha por onde o sucesso pode surgir, é ela que mantém em pé a crença numa outra vida. Explodindo os quadros minimizadores da rotina, dos hábitos circulares, é ela que, militando pelo otimismo, levanta a única hipótese capaz de nos manter vivos: mudar de vida. (COELHO, 1988, p. 89)

A utopia age como força motriz e lança hipóteses de dias melhores: “Um estado de espírito é utópico quando está em incongruência com o estado de realidade dentro do qual ocorre.” (MANNHEIM, 1986). Pode ser vista, ainda, como um protesto ao presente negativo e, transformada em um sentimento de esperança, nos impulsiona para

o futuro, como afirma Coelho (1989, p. 68) “o fato é que a força básica da imaginação utópica está exatamente na sua propriedade de levar o homem a procurar a sua transformação em algo de concreto.”

Nesse sentido, a utopia se compara a uma longa e interminável caminhada de aprimoramento de todas as potencialidades humanas, da qual o primeiro passo se mostra (ou se nega). Convém assinalar que o chamamento à utopia não se restringe a seres humanos tidos como românticos visionários, nem a um segmento privilegiado e sim é característica do ser humano (CALADO, apud ANDRADE, 2003, p. 81).

Sendo assim, nortearíamos nosso trabalho, observando que a utopia será vista aqui como protesto a um presente negativo, sentimento de esperança que alimenta a vida e nos impulsiona para um futuro, futuro este que pode ser (ou não) realizado e que o primeiro passo para torná-lo concreto é sonhar, ou seja, construir utopias.

No que diz respeito à Sinhá Josefina esta carrega sobre si o desejo, o sonho, o ideal de toda uma coletividade. Ela representa a mulher nordestina, guardiã da utopia e da esperança. Esperança coletiva que se dilui entre suspiros e falta de respiração. Mas que resiste. E se desiste, é porque havia do que desistir.

4 DIALOGISMO E POLIFONIA NA ESTRUTURA DO ROMANCE DRAMÁTICO

O texto literário tem em sua essência o poder de circular em lugares e tempos afastados dos de sua produção, pelo fato de que essa “descontextualização” é o correlato fundamental da obra literária e tem a capacidade perdurar-se, fechando-se sobre si, submetendo-se a regras bem mais coercitivas que as da linguagem comum (MAINGUENEAU, 1996).

Assim, ampliando as conexões no que se diz respeito ao conceito do texto literário e suas conexões com o drama, Silva (2007) corrobora às contribuições bakhtinianas sobre a literatura e afirma que:

Ele chama a atenção para o fato de que a obra literária não é mero reflexo dos textos convocados, mas refração dos mesmos. Ao convocar outros textos para dentro de si, a literatura o faz transformando-os, ao tempo em que transporta e transmuda, conseqüentemente, o mundo sociocultural referenciado. Esse movimento deixa evidente o caráter dialógico e plurissignificativo do texto literário. [...] Mais do que diálogo entre textos, diálogos entre

discursos, entre leitor e a obra, diálogo entre o texto e o mundo (SILVA, 2007, p. 11).

Observa-se, nesta obra como a literatura, revestindo-se de tecidos discursivos e plurissignificativos, no seio dos quais se manifestam recorrentes questões referentes ao sentido da vida humana, deixa entrever, dentre outros, um diálogo compreendendo os âmbitos: filosófico e literário. Sendo assim, o texto literário é o lugar onde as relações da filosofia e da literatura “se objetivam, onde seus textos se cruzam”. (SILVA, 2007).

Desse modo, os caminhos da pesquisa apontam para o estudo dos personagens e suas ações, sendo estas categorias fundamentais para a compreensão do trágico, a partir dos conceitos de *dialogismo* e *polifonia*, de Mikhail Bakhtin, observando como na estrutura da narrativa e na trajetória dos protagonistas em *Cangaceiros*, impõe-se o conflito de vozes e a irredutibilidade de posições que conduz, neste caso, a um desfecho trágico em um romance polifônico.

5 AMOSTRAS DA OBRA

O romance regionalista **Cangaceiros (1953)** foi escrito para dar continuidade a **Pedra Bonita (1943)** e renova ainda, mais uma vez, a temática em torno dos problemas sociais, físicos e humanos do nordeste brasileiro, analisando através do fenômeno do *cangaço* o banditismo “irracional” de personagens como Aparício Vieira, que tem em sua ascensão o declínio de sua mãe e o desnorreamento do irmão Bento, que vive em conflito entre a sua educação religiosa e as narrativas envolventes sobre o irmão rei do cangaço.

A obra está dividida em duas partes. A primeira relata a vida angustiada, sobressaltada de *Sinhá Josefina*, a Mãe dos cangaceiros, cujo primeiro capítulo lhe é dedicado. Em sua fuga dramática, sertão a fora, para a fazenda Roqueira, lugar que sonhara ser o seu refúgio, depara-se com o declínio e a solidão. Peregrinando pelo sertão, em meio a dor, vergonha e medo, carrega um “fardo” ainda maior e mais pesado do que todos os que ela já tinha: o de ser mãe de cangaceiros.

Sinhá Josefina tem em seu destino, além da condição de mãe de cangaceiro, o de ser “madre podre”, “mãe castigada”, aquela que teve como destino parir um “filho do demônio”, o “castigo de Deus” (REGO, 1961), imprimindo nela sentimentos de culpa e punição, que, posteriormente a levariam ao estado de loucura e ao suicídio.

Após se instalar no sítio da Fazenda Roqueira, de propriedade do Coronel Custódio (“coiteiro” de Aparício), Sinhá Josefina tenta retomar sua vida, ainda vivendo com os dissabores passados na Pedra Bonita. Ouve os relatos de triunfo de Aparício no cangaço, entra em desespero, aflição e loucura. Tem seu fim trágico quando dá cabo de sua própria vida.

O segundo capítulo da obra relata a dura realidade do sertão cruel e violento, em que cangaceiros e militares digladiavam-se em busca do que chamavam de “justiça”. Aparício Vieira cresce cada vez mais em seu “império” no cangaço, tendo já incorporado ao bando, o seu irmão Domício, que em Pedra Bonita era um tímido cantador. No mesmo capítulo, observa-se o amadurecimento de Bento, irmão caçula dos cangaceiros, sua primeira paixão Alice e o eterno desejo de vingança do Capitão Custódio contra os assassinos de seu filho.

6 ANÁLISE DA OBRA

6.1 Utopia em ruínas: a tragédia anunciada

Com a permanência de Sinhá Josefina no sítio, os dias passavam lentamente “naqueles ermos. Os bichos da noite, mal o sol se escondia, davam para gritar, para gemer, para piar. O canto dos passarinhos baixava o tom de voz, mas a tristeza crescia de tamanho, para cobrir tudo de uma paz de fim de mundo.” (REGO, 1961, p. 181).

Sinhá Josefina ouve do Capitão Custódio o relato de que o lugar onde estava escondida era seguro: “Pode estar certa, senhora Dona Josefina, que não vai aparecer ninguém aqui para vos aborrecer. Neste oco do mundo não vai bater homem nem mulher. Para todos da fazenda eu disse que tinha cedido este sítio para uma parenta viúva de Doninha. E o que eu digo o povo acredita com fé”. (REGO, 1961, p. 182).

Tal isolamento e solidão faziam com que Sinhá Josefina detivesse os seus pensamentos nos desmandos de Aparício pelo sertão. Bentinho, no entanto, conservava certa admiração pelo irmão cangaceiro, só que a educação religiosa que teve na Vila do Açú, enquanto morou com o Padre Amâncio, o impedia de tomar a decisão de entrar para o bando de Aparício.

O único contato que ela tinha com outros seres humanos era quando ia lavar roupa, próximo ao sítio:

Quando Sinhá Josefina descia para lavar os seus panos na vertente do pé da serra, encontrava sempre duas negras no mesmo serviço. Ouvia então vozes humanas, ouvia histórias do mundo lá fora e ficava sabendo das coisas que lhe pareciam estranhas. As negras não paravam a língua na boca: - Mas sinhá dona, pro mode que a senhora e o seu fio chegou pra este fim de mundo? A velha não podia escapar de uma explicação mentirosa.

[...]

Sinhá Josefina ouvia tudo calada, embora não pudesse conter as conversas das negras:

_ Olhe, minha senhora dona, o véio meu pai mora neste retiro para mais de cinqüenta anos. O meu irmão Fidelis se desgraçou por via daquele povo do Coronel Cazuzza de Jatobá. Morreu, coitado, numa barraca do S. Francisco, de um tiro doido. Ele disse aqui a pai que ia a amando de Dona Mocinha. Mió que tivesse ido pro cangaço. Aparício não rouba de pobre e castiga os graúdos. Oí, se tivesse cangaço pra muié, estava nele.

Certa vez apareceu mais gente para lavagem de roupa. As negras deixaram Sinhá Josefina e traçaram a língua com as outras. [...] _ Aparício chegou no Pau dos Ferros e estava na casa do prefeito, todo grande, como dono de tudo. Os cabras comiam e bebiam pelas bodegas. Pois não é que um sujeito botou-se para Aparício querendo matar o homem? Aí menina, a coisa pegou fogo. A briga nem demorou um minuto. Aparício pulou para a rua com o sujeito e o bicho ficou estendido na calçada: ‘_Vamos dar uma lição nesta cambada.’ E deram mesmo. Não ficou uma donzela em Pau dos Ferros, comeram até uma menina de nove anos.

[...]

A outra mulher não entrara na conversa voltou do coradouro e vendo Sinhá Josefina quieta, sem dar uma palavra, dirigiu-se para ela: _ Sabe, senhora, essa gente daqui deste sertão não sabe quem é Aparício. Aqui em Tacaratu e Jatobá ele não põe os pés. Coronel Leutério tem muita força e muita gente no cangaço. E é por isso que este povo anda se gabando das façanhas de Aparício. Eu sei o que ele tem feito por este mundo de Deus. [...] A tarde vinha chegando e as lavadeiras começavam a recolher os trapos espalhados pelas moitas de mato. Sinhá Josefina arrumou a trouxa e começou a subir a ladeira com dificuldade. As pernas grossas pelas varizes sentiam o peso da roupa úmida. Mas lhe pesava mais na alma as palavras sobre o filho perdido nas caatingas, como onça suçuarana. [...] No seu corpo curtido de dor Aparício ia deixando, a rifle, a punhal, as marcas das vinganças de Deus. Com aquela trouxa na cabeça, curvada, com os últimos raios de sol no verde da mataria, assemelhava-se a um quadro bronco da via-sacra. Era o destino que se arrastava como um verme de Deus. (REGO, 1961, p. 190, 191).

No longo trecho transcrito, observa-se a confluência de vozes que se misturam e se cruzam, dando origem a outros discursos o que comprova o poder dialógico do texto literário. É neste momento, que Sinhá Josefina inicia uma nova caminhada, uma *via-crúscis*: tem início sua ruína através dos relatos das lavadeiras sobre Aparício.

Enquanto o *Rei do Cangaço* sai pelo sertão conquistando e aumentando seu império, sua mãe desfalece. Começa o declínio, a ruína da utopia que antes conduzia a personagem para frente. Desfaz-se o sonho, o desejo de viver uma vida melhor, ainda que tivesse de levar a sina de ser mãe de cangaceiro e viver cercada pela maldição da Pedra Bonita.

Em meio a todo esse declínio, Sinhá Josefina tem uma “faísca” de esperança acesa, quando seu filho, Domício, aparece ferido no sítio e fica nas mãos de sua mãe até que fique curado. Ela recobra as energias e se esmera em cuidados e atenção ao filho enfermo: “Meu filho, aqui está a tua mãe para te curar as feridas”. (REGO, 1961, p. 197).

No entanto, sua alegria dura pouco. Quando recobra as forças, Domício não atende ao pedido de sua mãe e cai no cangaço: “Mãe, eu sei de tudo, eu sei da vossa dor. [...] Mãe, o rifle me fez de homem.” E a velha que não se conformara em perder o filho para o cangaço e, principalmente para Aparício, responde: “Eu te amaldiçôo, irmão de Aparício, filho de Bentão, neto de Aparício velho. E caiu no chão, tesa, dura como uma pedra.” (REGO, 1961, p. 216).

A vida de Sinhá Josefina já não tem mais sentido. Agora ela está desprovida de qualquer sonho; agora sua vida está repleta de dificuldades e desesperança. E é nesse quadro decadente que a personagem vê seus sonhos e planos para o futuro ruírem:

A volta de Domício alterou a vida na casa de Sinhá Josefina. A mãe abandonada caiu num paradeiro de doença. Bentinho ia continuando o serviço. [...] E no mais, o silêncio da casa escondia, o refúgio de duas criaturas perseguidas pelo ódio de três Estados, de centenas de soldados soltos pelo mundo para acabar com sua raça. Compreendeu então a dor de sua mãe. Mãe de cangaceiro, mãe dos Vieira, dos tigres do sertão. (REGO, 1961, p. 218).

Para Mannheim (1986), a desintegração da utopia se dá através de uma situação em que o elemento utópico “ter-se-á aniquilado completamente”. Sinhá Josefina era, agora, vítima do seu silêncio, por não poder contar a todos a verdade sobre seu filho Aparício. E é este *calar* que a leva à loucura: “[...] pela cabeça da velha passara tanto sofrer que não pudera mais agüentar. Partira-se. Estava doida.” (REGO, 1961, p. 243).

Resta-lhe, apenas, dá cabo se sua própria vida, de maneira trágica e violenta:

Já começava a escurecer e eles foram se aproximando da casa. Passaram pela mata e Bentinho não reparou em coisa alguma. Estava com medo de chegar, de ver a mãe, de olhar para o ente querido reduzido a nada. [...] As pernas de Bentinho tremiam, um frio de

morte entrara-lhe de corpo adentro. [...] Chagou no copião e não viu ninguém. A casa toda era silêncio. Foi a cozinha e o fogo estava apagado. Pôs os ouvidos para escutar, e nada. Aí criou mais coragem e empurrou a porta do quarto da mãe. Deu um grito de pavor. O corpo de Sinhá Josefina pendia de uma corda, com a língua de fora e os olhos arregalados.

Ventava frio, um sopro de nordeste que trazia de longe um cheiro das açafroas da horta de Sinhá Josefina. Era preciso tratar da defunta com rezas. [...] Vinham chegando outras pessoas. O corpo já estava em cima da mesa, coberto com um pano branco. As negras da grota tinham trazido restos de vela do velório do pai. E quando foi para mais tarde começou o choro lúgubre pela defunta. Vozes fanhosas enchiam o sertão de uma dor desesperada. Choravam a mãe dos cangaceiros. (REGO, 1961, p. 250-251).

Sobre a tragédia, Staiger (1997) afirma que:

Um cético que fracassa em sua verdade leva a sério seu ceticismo, e .desesperado dá cabo de sua existência; ou um crente que vê seu amor a Deus escarnecido por algo terrível, e por isso não consegue mais se aprumar. [...] O Deus desmoronou e sem Deus nenhum homem pode sobreviver como homem. Porque nem toda desgraça é trágica, mas apenas aquela que rouba ao homem seu pouso, sua meta final, de modo que ele passa a cambalear e fica fora de si. (STAIGER, 1997, p. 148).

É nessa atmosfera trágica que Sinhá Josefina finaliza sua trajetória dramática. Já desamparada pela sua *grande verdade*, que a destruiu e liquidou a sua figura humana, condenou-a a um vazio, a um silêncio. E é justamente esse vazio que conduz o homem a morte, que chega a este já devastado pela violência, pelo confinamento, pela solidão.

REFERÊNCIAS

CALADO, Alder Júlio Ferreira. *Ensaando passos de uma utopia libertadora: o cotidiano como oficina de tecelagem*. IN: ANDRADE, Maristela Oliveira (Org.). **Milenarismos e utopias: a busca do quinto império**. João Pessoa: Manufatura, 2003.

COELHO, Teixeira. **O que é utopia**. 8 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

KAYSER, Wolfgang. **Análise e interpretação da obra literária**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e utopia**. Trad. Sérgio Magalhães Santeiro. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

MUIR, Edwin. **A estrutura do romance**. Trad. Maria da Glória Bonidi. Porto Alegre: Globo, 1997.

REGO, José Lins do. **Cangaceiros**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1961.

SILVA, Eli Brandão da. **Deuses tecidos na metáfora: Jesus Severino no palimpsesto cabralino**. Litteratheos. Campina Grande: Ed.Livro Rápido, 2007.

SILVA, Eli Brandão da. *O símbolo na metáfora: fronteira entre o literário e o teológico*. __In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Literatura e estudos culturais**. João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2004